

UM CONVITE À BUSCA COM YI-FU TUAN

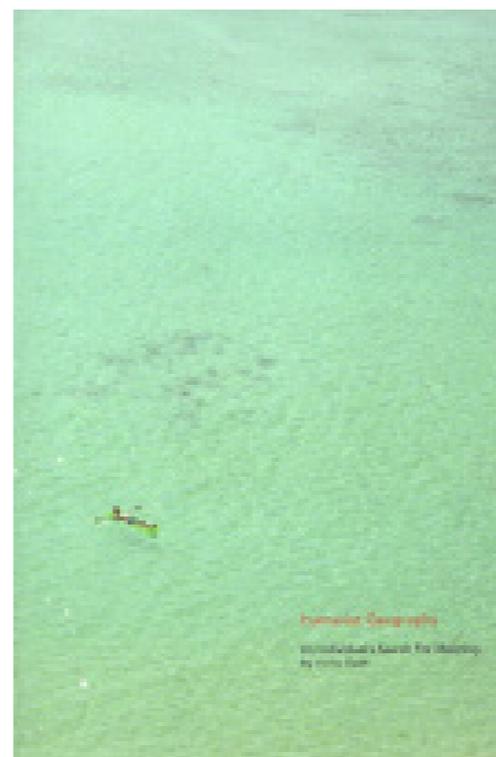
TUAN, Yi-Fu. **Humanist Geography: An Individual's Search For Meaning**. Virginia: George F. Thompson Publishing, 2012. 181p.
ISBN: 978-0-9834978-1-3

Letícia Carolina Teixeira Pádua¹

No ano em que sua longa e produtiva carreira foi coroada com o prêmio *Vautrin Lud*, Yi-Fu Tuan publica seu vigésimo primeiro livro "Humanist Geography: An Individual's Search For Meaning". O livro recém-lançado faz um resgate de temáticas trabalhadas ao longo da carreira – notadamente: progresso; sujeito; religiosidade e humanismo; imaginação; sentidos; cosmopolitismo – de mais de sessenta anos dedicados à Geografia, centrando o foco nas relações, contradições e justaposições do indivíduo *versus* a comunidade.

Tanto a escolha da impactante e solitária fotografia de Richard Misrach para a capa do livro, quanto seu título descortinam as duas temáticas centrais da obra: de um lado a composição do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan – suas influências desde a infância, suas atitudes e valores que o orientaram para o humanismo – e, de outro lado a busca de cada indivíduo de sua realização pessoal plena face aos conflitos sociais e morais que provocam a perda da individualidade em detrimento de um grupo.

No título do livro, chama a atenção o uso do termo: *humanist*. Uma das marcas da geografia proposta por Tuan é o uso do termo *humanistic* em especial a partir do seu célebre "Geografia Humanística" de 1976, publicado em português em 1982. Na ocasião, Tuan elucida



que a Geografia humanística "procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar" (TUAN, 2012, p. 143) e ainda ela "tenta especificamente entender como atividades e fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana" (TUAN, 2012, p. 146).

No ano seguinte (1977), Relph publicou "Humanism, Phenomenology, and Geography". Nele criticava o uso do termo, alegando que ele trazia confusão, pois poderia se referir às humanidades ou ao humanismo e, ao mesmo tempo, advoga que o termo *humanist* seria mais adequado por se referir a uma atitude humanista nas pesquisas, em qualquer que seja a área da Geografia, acusando o termo humanístico de ser muito restritivo. Tuan, na mesma revista responde "É restritivo porque acredito que a geografia humanística é um subcampo de nossa disciplina, e porque acredito que ela tem um ponto de vista distinto, que permite ao humanista enunciar e clarificar certos problemas de interesse para os geógrafos"² (TUAN, 1977, p. 179).

¹ Geógrafa, Doutoranda em Geografia Física pela Universidade de São Paulo (USP). leticiapadua@gmail.com.

✉ Rua Professor Celso Quirino dos Santos, 164, apto. 31B, Rio Pequeno. 05353-030. São Paulo, SP.

² Original: "It is restrictive because I take humanistic geography to be a subfield in our discipline, and because I think it has a distinctive standpoint which enables a humanist to formulate and clarify certain problems of concern to geographers".

Um convite à busca com Yi-Fu Tuan

Sendo assim, o destaque feito ao título se justifica por que nos faz pensar: Tuan deixou de pensar na Geografia humanística como subcampo disciplinar da geografia, ou simplesmente se permitiu o uso do termo mais corrente na literatura em geral? Esta resposta o livro não fornece.

A obra perpassa e persiste sobre três argumentos que levam o leitor à compreensão do percurso e da construção do pensamento atual de Tuan, que serão apresentados neste texto na seguinte estrutura: primeiro um breve relato das experiências pessoais que edificaram a sua experiência humanista; a seguir uma discussão acerca do que considera como Geografia Humanista; e, finalmente, a temática central da obra, que perpassa quase todas as suas páginas: o indivíduo visto sob os olhares diversos – suas fraquezas, virtudes, o progresso e o cosmopolitismo em sua afirmação.

Salientamos que esta (re)organização temática da obra que ora apresentamos é resultado de sua leitura e interpretação uma vez que “Nessa admiração que ultrapassa a passividade das atitudes contemplativas, parece que a alegria de ler é o reflexo da alegria de escrever, como se o leitor fosse o fantasma do escritor. Pelo menos, o leitor participa dessa alegria de criação” (BACHELARD, 1993, p. 10).

EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

Tuan credita sua visão cosmopolita do mundo à educação que recebeu nos primeiros anos escolares na China. Em guerra contra o Japão, o país não oferecia escolas para crianças de sua idade (entre os sete e dez anos). Seu pai junto com um grupo de amigos, criaram um espaço de estudos para seus filhos, em uma pequena sala improvisada.

Este grupo de pais eram recém-retornados de estudos de pós-graduação na Europa. Assim, Tuan recebeu deles uma educação

que classifica como libertária, voltada para o mundo – e não apenas para a comunidade. Ele se sentia encorajado ao pensamento e ao comportamento não convencionais.

Nomeado cônsul, seu pai mudou-se com a família para Sidney, na Austrália, quando Tuan tinha onze anos. Ali viveram por quatro anos. A mudança marcou a mente do adolescente em três aspectos: a primeira é a consciência das belezas naturais, contrapostas à sua vida na grande cidade; a segunda é a consciência da divisão de classes sociais, uma vez que viu seu pai receber deferências da comunidade chinesa local; a terceira e talvez a mais importante delas seja a consciência da religião.

Até então desconhecedor de qualquer religião, Tuan foi matriculado em uma tradicional escola anglicana. Aprendeu na China o respeito à sabedoria dos mais velhos, e tinha admiração por seus professores. Por isso, relata que tinha muita dificuldade em compreender que seus professores o ensinavam que “os últimos serão os primeiros” ou ainda “bem-aventurados os pobres, porque deles é o Reino dos Céus”.

Entretanto, ao longo de sua vida, o cristianismo é uma marca constante de suas convicções pessoais e suas escolhas científicas. Fato este apontado já em sua graduação em 1946, na Universidade de Oxford – graças ao modelo de ensino da universidade, pôde traçar suas próprias escolhas, enriquecidas pelos debates com seus colegas e professores. Considera que teve ali uma educação liberal e livre, estudando autores cristãos como Lewis, Chesterton e Eliot, mas também em contato permanente com existencialistas como Heidegger, Sartre e Camus.

Sua mudança para a Califórnia, nos Estados Unidos, para fazer o doutoramento na Universidade de Berkeley o levou ao encantamento com o deserto, ao exercício do humanismo que vinha estudando no fervilhar do Movimento dos Direitos Civis na grande metrópole e ao contato com Carl Sauer, de quem foi aluno e por quem guarda grande

Um convite à busca com Yi-Fu Tuan

admiração intelectual e também divergência teórica: Sauer trabalhava com a Geografia Cultural na perspectiva das comunidades tradicionais e seus cuidados com a terra; Tuan, ainda estudante, já entusiasta do potencial cosmopolita das grandes cidades, acredita no papel do indivíduo.

GEOGRAFIA HUMANISTA – CONCEPÇÕES

Sua visão sobre o que é humanismo traz consigo a inerente visão religiosa – sobretudo cristã, mas também budista e hinduísta. Tuan defende que descartar o pensamento religioso é “descartar, uma a uma, noções supranaturais na natureza humana e do destino”³ (p. 147). Ele expressa o receio da efemeridade e futilidade de esforços humanistas – sempre voltados para o bem – desligados da religião.

Suas predileções e posicionamento como geógrafo humanista são reflexos das suas experiências sociais e educacionais e suas frentes de pesquisa não são consenso sequer na Geografia humanista.

Para Tuan, a Geografia Humanista traz em si um paradoxo, uma vez que, como humanista pretende-se focar no indivíduo e, como geógrafo, na comunidade e no lugar. Em suas páginas de abertura, Tuan cita sua própria palestra e diz “A Geografia Humanista não é prática para o trabalho, mas é prática para os dias, horas e meia-horas que são nossos, quando estamos livres. Como? Ela nos capacita a estar produtivamente comprometidos com certas questões que nós como homens e mulheres pensantes devemos levantar – e levantá-las com senso de urgência, porque nosso tempo como indivíduos na Terra é breve. As perguntas são: O que é – e o que dignifica – ser humano?”

³ Original: “[...] *discarding, one by one, all supra-natural notions of human nature and destiny.*”

Mas, especificamente, o que ser humano significa para mim?”⁴. (TUAN, 2012, p. 3)

O COSMOPOLITISMO E O PROGRESSO NA AFIRMAÇÃO DO INDIVÍDUO

As ciências sociais e a Geografia Humana, como parte delas, têm trabalhado sempre com as comunidades e a diversidade cultural em detrimento do individualismo e cosmopolitismo. Segundo Tuan, a palavra individualismo traz consigo, nos dias de hoje, uma carga de negatividade, como se representasse uma busca do sucesso pessoal em detrimento (e às custas) da comunidade.

A comunidade⁵ traz conforto, laços de carinho e amizade, mas é hostil e acolhedora ao mesmo tempo. A comunidade não encoraja o pensamento livre, a diferença, a expressão plena da capacidade de cada um, antes, ela valoriza o estabelecimento de moldes para a aceitação das pessoas.

Já em grandes cidades ocorre outro paradoxo: embora aparentemente as coisas tendam à homogeneidade – pessoas e medidas, dinheiro, linguagem (gírias) - é aí que as forças da individualidade são plenamente realizadas. A cidade encoraja a diferença. É no mundo cosmopolita que o indivíduo pode atingir seus mais altos níveis de excelência; são feitos de “primeiras pessoas do singular” que se associam livremente – o desafio fica em criar o sentimento de

⁴ Original: “*Humanist Geography is impractical for the working life but practical for the days, hours, and half-hours that are our own, when we are free. How so? It empowers us to be engaged productively with certain questions that are incumbent upon us as thinking men and women to raise – and to raise them with a sense of urgency, for our time on Earth as individuals is the briefest. The questions are: What is it – what does it mean – to be human? More specifically, what does being human mean for me?*”

⁵ Segundo o dicionário Oxford, “community” é “1. a group of people living in the same place or having a particular characteristic in common; 2. a feeling of fellowship with others, as a result of sharing common attitudes, interests, and goals”. O sentido de coletividade é forte na definição, por isso, sua colocação, por Tuan, como contrário, oposto ao indivíduo.

Um convite à busca com Yi-Fu Tuan

solidariedade, de vizinhança e bem querer ao próximo, tão comuns nas comunidades.

Associada ao mundo cosmopolita vem a ideia de progresso. Assim como o individualismo, o progresso, para Tuan, tem tido seu significado deturpado na atualidade. Para a maioria das pessoas se relaciona ao status social e material. Mas, para Tuan o progresso está na qualidade da mente e do espírito, fazendo com que os indivíduos compreendam o que alcançaram e quem realmente são.

Avalorização do progresso está intimamente conectada à concepção humanista de Tuan “O humanismo contribuiu para o progresso na sua promoção do indivíduo autônomo. Uma comunidade verdadeira boa é, nos seus olhos, uma na qual cada membro tem autoconfiança suficiente para pensar e lembrar sozinho”⁶ (TUAN, 2012, p. 20).

Embora acredite em um bem geral, Tuan coloca que a vida nas cidades também trouxe coisas ruins, como a banalização da violência e da crueldade. Entretanto, temos o bem e o mal em todos nós. Somos capazes de reinterpretar a história e fazer brotar o bem a partir do mal. Como exemplo Tuan traz a história de Alexandre, o Grande. Embora fosse um conquistador e subjogador de pessoas e culturas, através de guerras e conflitos sangüinários, o imperador é conhecido pela expansão do ecúmeno, pelo intercâmbio cultural e de mercadorias que seu reinado promoveu.

Tuan traz dois argumentos a favor do estudo de indivíduos: o primeiro é que uma cultura pode se perder, mas as pessoas que formavam aquela comunidade continuarão vivas em uma cultura diferente; o segundo argumento é de que culturas e línguas não desaparecem necessariamente de maneira definitiva, eterna. Elas podem ser e são permanentemente reconstruídas, lembradas, trazidas à memória, por exemplo, em filmes e encenações.

6 Original: “Humanism has contributed to progress in its promotion of the autonomous individual. A truly good community is, in its eyes, one in which each member has enough self-confidence to think and recollect alone.”

Entretanto, é possível recriar culturas e valores, mas nunca indivíduos: “Quando uma mulher morre, ela leva consigo para sempre uma maneira de ver e de experienciar. Neste sentido, a morte de um indivíduo humano é como a extinção de uma espécie inteira de planta ou animal”⁷ (TUAN, 2012, p. 142).

O individualismo é, portanto, a realização do potencial do indivíduo, incluindo sua capacidade de ser bom, através da sua plena liberdade de realização.

Finalmente, mais que a discussão de conceitos (todos eles já trabalhados ao longo de sua carreira), com esta obra Tuan expõe seus pensamentos e, por vezes, até suas intimidades mas, sobretudo, é um “olhar-para-trás”, que recompõe o intelectual e a pessoa tão importante para a Geografia.

Assume uma ciência feita a partir de inquietações pessoais (e não é sempre assim?), como quem entende e respeita seus próprios devaneios. Sobretudo, demonstra uma profunda preocupação com o outro, com os caminhos pessoais que trilhamos e com a construção de um mundo melhor – o que entendemos, deva ser o objetivo de toda a ciência. “Progresso é um tema recorrente neste livro, como é também a ideia de um indivíduo percorrendo sua jornada pela vida”.⁸ (TUAN, 2012, p.153). ©

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. (Trad. Antonio de Pádua). São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242 p.

7 Original: “When a woman dies, she carries away with her forever a way of seeing and experiencing. In this sense, the death of a human individual is like the extinction of an entire plant or animal species.”

8 Original: “Progress is a recurrent theme in this book, as is also the idea of an individual making his or her journey through life”.

Um convite à busca com Yi-Fu Tuan

RELPH, Edward. Humanism, Phenomenology, and Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 67, n. 1, p. 177-179, mar. 1977.

TUAN, Yi-Fu. Comment in reply. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 67, n. 1, p. 189-180, mar. 1977.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. (Trad. Maria Helena Queiróz). In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. Cap. 7, p. 143-164.

TUAN, Yi-Fu. **Humanist Geography: An Individual's Search For Meaning**. Virginia, USA: George F. Thompson Publishing, 2012. 181 p.

